



## A evolução gráfica do livro e o surgimento dos *e-books*<sup>1</sup>

Isabel Chaves Araújo MESQUITA<sup>2</sup>  
Mariana Guedes CONDE<sup>3</sup>  
Universidade Estadual do Piauí, UESPI

### RESUMO

Este artigo aborda inicialmente os processos de produção do livro desde as primeiras manifestações gráficas passando pelo surgimento da escrita, até seus mais recentes produtos: os livros eletrônicos ou *e-books*. Estes últimos são apresentados em comparação com o livro impresso no que diz respeito principalmente à rentabilidade, publicação, distribuição e edição do produto. Por fim, é feita uma breve reflexão acerca das perspectivas da literatura cibernética na sociedade brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro; História; Produção editorial; *E-books*; Internet.

Há uma infinidade de conceitos para o que chamamos livro. Basicamente, ele consiste em um registro gráfico de informações, não periódico, capaz de ser estudado ou interpretado e com profunda significação cultural. As manifestações gráficas ao longo da história da humanidade passaram por diversos estágios até chegar à forma atual do livro e a evolução desses processos reflete características socioeconômicas e culturais de suas épocas.

Os primeiros registros escritos datados de 4.000 a.C. marcam o fim da Pré-história e o início da História da humanidade. Inicialmente “pictográficos”, relativos a desenhos, e/ou “escultóricos”, relativos a esculturas, como manifestações de uma mensagem sem referência a sua forma lingüística propriamente dita, eles eram feitos sobre pedra, argila ou madeira - materiais pesados, de difícil manuseio e armazenamento.

A partir do ano 2.400 a.C. um novo material começa a ser utilizado no Ocidente, primeiramente no Egito: o papiro. Obtido utilizando a parte interna,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Editoração, do Iniciacom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), especialista em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), email: celsocarolbel@globo.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESPI, email: mariana\_guedes@hotmail.com



branca e esponjosa, do caule do papiro, ele era cortado em finas tiras posteriormente molhadas, sobrepostas, cruzadas e prensadas. A folha obtida era martelada, alisada e colada ao lado de outras folhas para formar uma longa fita que era depois enrolada. A escrita dava-se paralelamente a essas fibras. Apesar do engenhoso processo de “fabricação”, ele foi usado durante muito tempo e ainda hoje guarda valiosos escritos daquela época. Nesse contexto, surgem os *volumens* – cilindros de papiro, facilmente transportados e armazenados em cofres denominados *bibliothéke* ou depósito de livros.

No século XI a.C. o pergaminho, produzido a partir de couro animal e mais fácil de ser obtido, substitui o papiro sendo inicialmente também organizado em *volumens*. Após o século I da era cristã folhas de pergaminho passam a ser agrupadas em páginas seqüenciadas, costuradas e amarradas a tábuas de madeira, que funcionavam como capa - e que por vezes eram ornamentadas - dando origem aos primeiros livros. Aproximadamente no início do século XII o papel, de produção mais fácil e mais econômica, passa a compor o livro, ao mesmo tempo em que ocorre o início do processo de popularização da escrita.

No entanto, o acontecimento que marcou a história do registro gráfico se dá em 1448 quando Johannes Gutenberg cria os tipos móveis de metal ou a prensa de tipos móveis<sup>4</sup>: a primeira “impressora”. Letras de chumbo, uma a uma, eram montadas em palavras, linhas e páginas podendo ser substituídas quantas vezes fosse necessário - o que possibilitou a correção de erros e o reuso dos tipos. A velocidade de produção dos registros torna-se superior a dos manuscritos e de melhor qualidade. O livro finalmente ganha o aspecto que tem hoje e a nova forma de produção ocasiona um barateamento e uma conseqüente popularização do novo material. Posteriormente, surgem novas e mais eficientes formas de impressão (como a impressão em *offset* e a impressão digital) até se chegar ao que temos hoje, inclusive com grande aprimoramento das capas e encadernações.

Na sociedade em que vivemos informação é sinônimo de dinheiro e poder e quanto mais fácil e rápida for a sua obtenção, melhor. Isso explica o grande crescimento de meios como a internet e o aparelho celular, os quais trazem informações instantâneas, sucintas e selecionadas.

---

<sup>4</sup> Há indícios de que os tipos móveis tenham sido utilizados antes de Gutenberg. O seu diferencial, no entanto, está no desenvolvimento de um equipamento de impressão.



Com o advento da internet e o conseqüente surgimento de novas tecnologias, o mundo literário alcançou o mundo digital (ou foi o contrário?) originando o que chamamos *e-books*.

*E-books* ou *eletronic books* são publicações digitais ou livros eletrônicos e estão disponíveis na *web* em vários formatos que podem ser descarregados para o computador através de *downloads*. Em 1971 Michael Hart já disponibilizava *e-books* on-line em formato *txt*. através do Projeto Gutenberg<sup>5</sup>. Mas somente por volta de 1998 são lançados os primeiros dispositivos ou *softwares* de leitura digital: os *e-books reader device*. Tais aparelhos permitem a leitura desses livros numa tela plana de cristal líquido colorido, portátil e com grande capacidade de armazenamento. O aparelho possui funcionalidades como paginação, mudança de orientação de página, marcação de página, destaque de texto, anotações do leitor, busca por texto, além de luz interna para leitura no escuro. A maioria desses recursos não pode ser usada no exemplar de papel, o que confere outra vantagem ao livro digital.

Os processos de seleção de textos, revisão, edição e publicação de livros através dos meios digitais resultam de um curso histórico natural: a realidade vigente é dominada pelo crescimento das tecnologias digitais e não há surpresa na inserção do livro nesse contexto. É algo análogo ao surgimento dos tipos moveis no século XV, os quais trouxeram vantagens e desvantagens ao processo de produção e obtenção do livro juntamente com as novas formas de edição.

A facilidade de publicação e obtenção dos títulos digitais tem atraído vários autores e leitores ocasionando a formação de uma nova classe editorial. O novo editor surge com alguns papéis que permanecem em relação à edição do livro impresso e outros inteiramente novos. Nessa perspectiva, Epstein (2002, p.39) afirma que:

Não se pode prever o futuro dessas tecnologias para o mercado editorial em detalhes, mas os seus efeitos gerais serão permitir aos leitores e aos escritores um acesso bem mais direto entre si do que o possível no passado e desafiar as editoras a reconhecerem a redução de suas funções e se adaptarem à nova realidade.

---

<sup>5</sup> Espécie de biblioteca digital que disponibilizava *e-books* gratuitamente. Project Gutenberg:  
<http://www.promo.net/pg>



Atualmente a principal relação estabelecida entre as editoras convencionais e as digitais se encontra na comercialização das obras: obras impressas vendidas como *e-books*, no formato digital; e livros digitais, vendidos impressos. A venda destes últimos pela internet tornou-se nos últimos anos um negócio bastante comum e rentável. Ou seja, impressos são comercializados através das livrarias ou de sites especializados na *web*, mas os *e-books* estão disponíveis apenas através de *downloads* ou em CD, deixando claro que ainda não há espaço para o livro digital nas livrarias.

E quais as principais vantagens e desvantagens do livro eletrônico em relação ao livro impresso?

Quanto à rentabilidade, a principal vantagem do *e-book* é a possibilidade de impressão de edições com tiragem reduzida, o sistema de impressão sob demanda. Só se imprime o que é encomendado. Dessa forma as editoras tornam-se mais livres para investir em outros autores, inclusive os novos, sem o risco de um prejuízo no caso de rejeição pelos leitores.

Outro aspecto importante é a facilidade de armazenamento dos *e-books*, solucionando o problema gerado pelo acúmulo de material nas prateleiras e o pouco espaço disponível para guardá-los. Eles podem ser facilmente transportados e transferidos de um aparelho a outro sem necessidade de eliminação de nenhum.

Na editoras de livros impressos há um critério de seleção de obras e autores baseado em princípios econômicos, ou seja, no potencial de venda de determinada obra. Já nas de livros digitais esse aspecto não é tão relevante, visto que a finalidade lucrativa ou não da obra parte do autor e o editor passa a assumir outras funções tais como: o registro na Biblioteca Nacional (ISBN - *International Standard Book Number*, que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país, a editora e inclusive por edição.), a digitalização dos originais, a revisão gramatical, a digitalização das imagens, a criação do livro digital em formatos variados, a hospedagem dentro do site da editora, além da divulgação e distribuição. Alguns desses serviços não geram custos adicionais ao autor que começa a dominar os conhecimentos básicos de produção de um *e-book* submetendo facilmente obras literárias ao acesso na grande rede, sendo a qualidade do trabalho final o grande diferencial. Assim, a facilidade na edição e publicação dos *e-books* tornou-se uma alternativa para autores que não querem ou não podem contratar os serviços de uma



editora. Quanto à publicação, é bem mais rápida, mais barata e simples no meio digital.

Com base no grande crescimento e popularização da internet é possível afirmar que a literatura nunca teve antes um espaço tão vasto para se manifestar. Ou seja, há uma quantidade incalculável de títulos nas “prateleiras virtuais”. Essa avaliação é também feita por Epstein (2002, p.105), ao enfatizar que “(...) a internet, ao conectar leitores e escritores uns aos outros, oferece a possibilidade de uma quase ilimitada escolha e prenuncia uma estimulante cultura literária”.

As velocidades de circulação de informações e de retorno são bem maiores no meio digital, onde as obras atingem maior alcance que os impressos. No entanto, o acesso à internet e a outros meios digitais no Brasil ainda é bastante restrito, o que exclui muitos brasileiros da chamada democratização da informação. Isso porque além do preço, a necessidade de aquisição de um *hardware* torna esse acesso ainda mais difícil.

Ao compararmos as formas de publicação dos meios eletrônicos com as dos meios impressos, chegamos inevitavelmente à questão ecológica visto que a principal vantagem do livro eletrônico sobre o impresso é a não utilização do papel (o que evita o sacrifício de árvores), de tinta e de água, o que os torna mais baratos, além de ecologicamente corretos. No entanto, convém enfatizar que a utilização do livro impresso não despende tanta energia quando o livro digital.

A queixa mais comum dos leitores de livros digitais é o cansaço da visão provocado pela leitura feita através da tela, o que a torna incômoda e difícil. Os *displays* de cristal líquido (LCD) amenizam este efeito, mas custam até três vezes mais que os monitores de raios catódicos (CRT), mais comuns e que pela emissão constante de brilho e radiação submetem nossos olhos a um verdadeiro estresse ocular. Isso faz com que a maioria dos leitores prefira ler a obra impressa.

É perigoso afirmar a total substituição do livro impresso pelo digital nos próximos anos. Caso aconteça, este será um processo lento que deverá acompanhar a formação de novas gerações de leitores. Abrir mão da textura do papel, da comodidade de poder utilizá-lo sempre, do contato íntimo com o que está escrito são ações que requerem tempo e conseqüente aquisição de novos valores. O *e-book* tornou-se uma alternativa viável em alguns casos e em outros não, assim como o



livro impresso. Comungando com a idéia de Chartier (1998), o livro apresenta-se de maneiras plurais, sendo a eletrônica apenas uma delas. Ou seja, é uma forma de convivência e complementação entre o tradicional e o novo neste cenário de mudanças cada vez mais profundas no que se refere aos livros ou objetos de leitura.

## REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. 159p.

EBOOKCULT. Disponível em: <<http://www.ebookcult.com.br/>> Acesso em: 19 de abril de 2008 às 20:02.

EPSTEIN, Jason. **O Negócio do Livro: Passado, presente e futuro do mercado editorial** (Tradução: Zaida Maldonado). Rio de Janeiro: Record, 2002.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: EDUSP, 1985.

PROJECT GUTENBERG. Disponível em: <<http://www.promo.net/pg/>> Acesso em 15 de abril de 2008 às 12:50.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro**. São Paulo: Com-Arte: Fapesp, 1996.

REIMÃO, Sandra. **Estudos sobre a produção editorial e história dos livros no Brasil** – algumas observações. I Seminário Brasileiro sobre livro e História Editorial – Rio de Janeiro, 2004.

RIBEIRO, Amanda do Prado. **O livro eletrônico e transformações na Industrial Editorial**. I Seminário Brasileiro sobre livro e História Editorial – Rio de Janeiro, 2004.